

David Hume é um dos filósofos mais influentes da modernidade. Sua opção por uma filosofia naturalista, construída a partir da adoção do “método experimental de raciocínio”, acabou revelando ao mundo uma série de descobertas acerca do poder e, sobretudo, dos limites do entendimento humano. Essa influência tem se revelado especialmente em relação às questões de filosofia teórica abordadas por Hume, como a sua investigação sobre a origem de nossa idéia de causalidade, tema bastante recorrente em cursos de filosofia da ciência. Apesar da ampla relevância de sua obra para estudos contemporâneos, este trabalho não aborda as discussões de caráter mais teórico examinadas pelo filósofo em suas obras; em vez disso, aborda aquele que, segundo Hume, é “um tema que nos interessa mais que qualquer outro”, a moral. Mais precisamente, trata-se de uma investigação sobre a posição de Hume acerca da questão liberdade e necessidade das ações humanas, de como, segundo ele, essa discussão está relacionada com nossos compromissos e práticas morais. Afinal de contas, a liberdade ou a ausência de liberdade nas ações humanas tem alguma relevância para nossos compromissos morais? Que conseqüências deveríamos assumir e o que deveríamos fazer caso descobrissemos a verdade da tese segundo a qual os homens não agem livremente? Seria esse o fim da noção de mérito e, com isso, o fim de recompensas, punições, elogios e censuras? Neste trabalho, mostraremos a posição de Hume em relação a essas indagações. Desde já, é oportuno dizer que, diferentemente de filósofos que procuram em primeiro lugar provar racionalmente a possibilidade da moral recorrendo a noções metafísicas acerca da liberdade humana, Hume não busca justificar nossos compromissos com conceitos e práticas morais: seu objetivo é, antes, proceder a uma explicação daquilo que fazemos e das circunstâncias envolvidas quando consideramos um agente responsável por suas ações.